

o discurso psicótico, associação não regida por uma relação real, vivenciada, mas pelas leis da linguagem onírica. A relação indivíduo/televisão solapa a potencial fecundidade dos relacionamentos interindividuais.

Não obstante, o desafio que a autora toma para si, para além do discurso meramente apocalíptico, é a questão de como se pode utilizar as novas tecnologias a fim de democratizar o conhecimento.

Resta-nos nesse momento dizer, que os breves comentários por nós tecidos sobre *Cultura e Subjetividade*, nada mais são do que um opaco reflexo perante o que a obra tem a oferecer tanto a nossa sociedade.

Stéfano G. Régis Toscano
Aluno do PPGS-UFPB



CIÊNCIA E VALORES

LAZARTE, Rolando.; MAX WEBER; *CIÊNCIA E VALORES*. São Paulo: Cortez, 1996.

Todo texto, científico ou não, apresenta três elementos a saber: o conteúdo da mensagem que pode se mostrar ou não, nos níveis do posto, do pressuposto e do implícito; o segundo elemento é o estilo do próprio autor de combinar e expressar a mensagem com componentes de determinada "rede de conversações", e por último, temos o nível de interpretação que fica por conta do leitor.

Este livro, retrata uma verdadeira guerra entre esses elementos (conteúdos/idéias, estilo e interpretação) nas perspectivas de alguns comentadores de Weber. Emulam nos níveis do posto, pressuposto e implícito desta obra, aqueles que querem dar a Weber um rótulo oficial, e aqueles que pretendem fazer um retrato de um Weber alternativo. O primeiro grupo é representado por autores como Gabriel Cohn, Adorno e Horkheimer, o segundo grupo é encabeçado pelo próprio autor do livro, em parceria teórica com Jaspers, Freund e Geertz, principalmente.

O fato de termos conhecido o professor Rolando Lazarte, despertou-nos interesse pelos seus escritos, visto que é real a coerência que procura manter entre o que escreve e o que/como ensina. Entretanto, isto não nos isenta de qualquer incapacidade de percebê-lo com devida justiça, ao tentarmos resenhar seu livro. Além do mais, trata-se de um texto sobre Weber, o que por si só já determina difícil e complicada tarefa de leitura, e mais difícil fica quando entre Weber e nós, encontramos a sensibilidade, a paixão e o sofrimento do professor Rolando. Temos um texto que foge aos rigores acadêmicos: na sua fala o autor passeia da razão para a emoção, e desta para a razão, em trânsito dialético, sem nenhuma dificuldade para ele, e sem causar embaraço para o leitor. É-lhe mister não divorciar o existencial do científico.

Este livro trata de uma apaixonada crítica à Sociologia, não a qualquer sociologia, mas àquela

que o autor chamou de "cidadela sociológica" ou "forma dominante de fazer sociologia", que ele acusa de ser desumanizante/alienante, pois desenvolve um conhecimento unilateral na perspectiva intelectualista-racionalista-cientificista de tradição Iluminista.

Diante da crise deste tipo de fazer sociologia, o autor busca rascunhar uma nova atitude sociológica, onde o sujeito, há muito perdido, possa ser resgatado. Em suas angústias, acaba deparando-se com o pensamento weberiano. Oportunamente percebe que o retrato oficial que se tinha na Academia deste pensador Alemão, no fundo não o representava em sua polifonia essencial, isto por causa de sua tradução via Sociologia Americana. Nos aspectos éticos (axiológicos) e epistemológicos da obra de Weber, e nos preceitos da Sociologia Compreensiva por ele elaborados, Lazarte identifica a possibilidade da construção de um paradigma holográfico. Uma obra de grande valor, porque retira da ciência o prepotente status de autoridade secularmente construído, e ao mesmo tempo devolve ao homem, principalmente o de vocação científica, sua interioridade, ou seja suas paixões, intuições e imaginação. À ciência não cabe dizer o que é certo ou errado para qualquer pessoa, cada um deve escutar os demônios interiores que tecem o fio da vida delas. Não é função da ciência criar um imperativo ético universal, isso corresponde à esfera da fé. Assim explica Lazarte.

Urge portanto, para o autor, desmistificar a leitura oficial

feita de Weber. O alvo principal de suas críticas é o livro de Gabriel Cohn - *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. Segundo Lazarte, "o Weber de Cohn não só é um resignado, mas é ainda um racionalista". Alerta ainda, que se hoje citar Weber está na moda, é por demais importante que seus "citadores" procedam a uma releitura de suas obras, uma releitura apaixonada, fazendo jus ao pensamento de Weber, e tentando superar as famosas/perigosas leituras dirigidas.

No que Lazarte denomina de leitura oficial, Weber está representado como um resignado, domesticado, eticamente indiferente, racionalista, fundador de uma "sociologia para qualquer fim", estrutural-funcionalista (americanizado), às vezes um objetivista, outras um psicologista.

Entretanto, o Weber alternativo, enxergado pelo autor e por outros comentadores de Weber, não corresponde a esse quadro caricatural. Utilizando-se de quatro textos básicos (A Objetividade..., A Neutralidade Axiológica, Sobre Roscher e Knies e A ciência como Vocação), em um grande esforço de exegese, Lazarte procura traços do pensamento weberiano que contrastem com a interpretação oficial. Ele mesmo lembra que essa seleção de trechos da obra, não é imparcial, e nem pretende que o seja. Se Jaspers dizia ter Weber uma habilidade de artista para combinar "cores", o mesmo podemos dizer de Lazarte nessa tarefa de "pintar" um Weber alternativo.

Viajando pelo conteúdo desses textos, discutindo conceitos de realidade, objetividade, neutralidade axiológica, desencantamento, racionalização, religião, tipos ideais, leis, sentido, conexões causais, vocação científica, etc., e ainda encontrando espaço para encaixar a prosa de Lovecraft, Lazarte encontra um Weber que contrasta com o retrato traçado por Cohn e cia.

Ao resignado e domesticado, aparece um Weber apaixonado pelos desafios de seu tempo e crítico do mundo desencantado; ao eticamente indiferente surge um Weber crítico da ciência (estabelecendo-lhe limites para o conhecimento discursivo) e comprometido com a liberdade de cada ser humano; ao racionalista-intelectualista-cientificista, mostra-se um Weber caleidoscópico, polifônico e de pluralismo cognoscitivo e metodológico; ao estrutural-funcionalista, exibe um weber nietzschiano, mais fenomenológico, e a um Weber exclusivamente objetivista ou psicologista, Lazarte apresenta um Weber intersubjetivista. Quanto à acusação de "Sociologia para qualquer fim", sem entrar em muitos detalhes, o autor defende a Sociologia Compreensiva, dizendo que a história mostra que também tivemos "marxismos para qualquer fim".

Em suma, neste livro, de forma até insistente e redundante, o autor enfatiza a necessidade dos sociólogos voltarem a Weber, relendo suas obras, pois nelas há "indícios de uma 'solução' capaz de possibilitar o exercício de uma sociologia que não separa a realidade

na dicotomia sujeito/objeto, sem no entanto atingir o extremo oposto de confundi-los", e isso abre as portas para que a interioridade do sujeito aflore. Ao nosso ver, este livro é um exercício da paixão, paixão deste autor que não esconde o seu "desgosto pelo jeito oficial de sociologizar o mundo". É também um desafo do professor que além de conteúdos, sabe passar nas aulas, suas vivências, como ele mesmo diz, a coisa mais difícil de transmitir. É agora, tarefa dos leitores interpretar os conteúdos e as vivências que este livro veicula. Particularmente, encontro uma mensagem que mostra que depois do "vendaval positivista" e do "furação marxista", está renascendo em nossas universidades um PHOENIX, mas que por enquanto, ainda é cinza, fogo e pássaro.

Giovanni Boaes
Aluno do PPGS-UFPB

TRABALHO, MERCADO E FORMAÇÃO DE CLASSE

LIMA, Jacob Carlos. **TRABALHO, MERCADO E FORMAÇÃO DE CLASSE - ESTUDO SOBRE OPERÁRIOS FABRIS EM PERNAMBUCO.** João Pessoa: Editora Universitária /UFPB. 1996. 213 pp.

Esta obra é referência para os estudiosos da problemática no Nordeste e, em especial em Pernambuco. O autor nos traz uma rica análise sobre o processo de formação de um novo operariado fabril, têxtil e metalúrgico, iniciado com a